



20 - CID SABÓIA DE CARVALHO

CID SABÓIA DE CARVALHO

*CID SABÓIA DE CARVALHO, filho do poeta e jornalista Jáder de Carvalho (que foi ocupante da Cadeira nº 14) e de Margarida Sabóia de Carvalho — jornalista e escritora —, nasceu em Fortaleza, no dia 25 de agosto de 1935. Depois dos primeiros estudos, fez o curso secundário no Liceu do Ceará, após o que ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, pela qual se diplomou em 1966. Professor da mesma Faculdade, bem como da Faculdade de Ciências Econômicas e Filosofia da UFC, pertenceu ao Curso de Comunicação Social. Jornalista e radialista desde a mocidade, escreveu em diversos jornais da Capital cearense e manteve coluna diária na **Tribuna do Ceará** e programa na **TV Cidade**, de Fortaleza. Durante anos e anos, na **Rádio Uirapuru**, foi responsável pelo noticiário, discorrendo também sobre literatura e arte, mas com destacada atuação no campo esportivo, narrando e comentando partidas de futebol. Ainda muito jovem fez parte da Academia dos Novos. Pertence à Academia Cearense de Retórica e à Academia Cearense da Língua Portuguesa, fazendo parte ainda da Associação Cearense de Bibliófilos e da União Brasileira dos Trovadores, como sócio benemérito. Advogado militante, exerceu o cargo de Procurador junto ao Conselho de Contas do Município. É Senador, pela legenda do PMDB, eleito em 1986. Obras publicadas: **Gritos e Murmúrios** (1956), **Pássaro de Fogo** (1971), **Alma de Cigarra** (1986), de trovas; **Opus 78** (1978), e **Plenilúnio** (1988). Tem inúmeros trabalhos estampados em revistas especializadas em Direito e em Comunicação e de sua bibliografia constam vários volumes de discursos parlamentares. Raimundo Girão e Maria da Conceição Souza, no seu **Dicionário da Literatura Cearense** (1987), assim se expressam ao falar de Cid Sabóia de Carvalho: "Corajoso e senhor de bom conhecimento dos homens de sua terra, soube enfrentar os óbices da vida e vencer com altivez e*

destacadas atitudes morais. Puxa de carta forma ao pai, sempre destemeroso na defesa de suas idéias, ainda que às vezes exageradas." O atual ocupante da Cadeira nº 20 é neto, pelo lado materno, de Eduardo Sabóia, o Brás Tubiba da segunda fase da Padaria Espiritual.

PLENILÚNIO

Plenilúnio, oh plena lua
de meu avô e de minha avó.
Leio versos dele nas velhas coletâneas
enquanto os recortes amarelecidos
fazem queixas e promessas,
queixas, promessas e esperanças.
Tudo de ti me fala, eis que confessa
nas canções plenas de luas cheias.
cheias de todas as luas.
Ao pé do soneto publicado
o anúncio do livro que se perdeu,
cujas páginas quase não restaram.
E agora, perto de um século depois,
tomo o plenilúnio a meu cuidado
com um livro sem graça,
mas cheio de emoção como seria o seu.
Meu avô Eduardo declamava com voz cheia
os versos que fez como padeiro
para Mimosa, minha avó.
Tudo restou acontecido,
inclusive as mortes no caminho.
a dele, a dela e a partida
dos filhos todos que tiveram.
O velho álbum guarda recortes amarelos
e é a própria lua cheia que me ilumina
com seculares emoções,
jovens emoções que se renovam a cada lua.
Os dedos de minha Mãe pregaram esses papéis
que jazem pregados em mim.
Oh plenilúnio, oh lua plena, plena lua,
lua de cem anos, lua cheia
de uma saudade sem fim.
Plenilúnio da saudade,
oh plenilúnio de mim.

ALMA DE CIGARRA

Serei manhã nos teus braços
e noite nos teus cabelos...
Entardeço nos abraços
ai, teus lábios, ardo em tê-los...

Dor com dor nunca parece,
amor não é bem querer,
quando na alma já fenece
a dor de amar por prazer.

Sei que deixei no caminho
minha sombra ou meu vulto,
meu ódio ou meu carinho,
meu perdão ou meu insulto..

De minha alma fiz retalhos
na luta pela grandeza,
hoje, reunindo frangalhos,
só sei juntar a tristeza...

Olho atento e me confundo,
tento ouvir, mas desespero:
ninguém entende no mundo
a mulher que tanto quero.

Imenso seio de luz,
a lua é mãe do luar,
é clarão que nos conduz
pelos mistérios do mar...

Não adianta juntar pranto
e do pranto fazer rio,
melhor chorar outro tanto
mesmo em pleno sol de estio.

O pranto que a gente chora
ninguém sabe aonde vai,

mesmo porque não tem hora
para a lágrima que cai...

Vem de repente este medo;
tu, de onde vens, minha dor?
Será saudade, em segredo,
a rondar o meu amor?

Tu cantas na minha mente
uma canção marinheira...
Como esquecer de repente
tão longínqua companheira?

Ataulfo já morreu
deixando um último samba
que de logo ao céu correu
para o ouvido de outro bamba...

Quero dormir, mas não posso.
Quero esquecer, mas não ousar.
Luto em mim e já me esforço
por não gritar de nervoso...

Vou fazer feitiçaria,
mandinga e tudo que houver,
a fim de que, em qualquer dia,
tu sejas minha mulher.

Jangada da minha terra
és igual ao meu amor?
Minh'alma é jangada que erra
velejando minha dor!

De borboleta e de rosa
cada mulher tem um pouco:
tu voas esplendorosa
na minha mente de louco!

CANTIGA

Eu sou o olhar que contempla
o amor que rebenta em ti;
sou o pássaro cativo
que canta enternecido
na paisagem tão terna
que há em ti e por mim.
Depois de nossos caminhos
sou o descanso maduro,
a sombra, o fruto morno,
o vento nos teus cabelos.
Sou o canto que desperta,
a voz que canta e chora;
sou percussão dos sentidos
e cordas do meu amor;
nunca vou morrer depois,
embora sigamos juntos
pela vida para a morte.
Falo a língua esquecida,
verbo que o mundo esqueceu,
mas canto minha cantiga
do amor que nunca morreu...

ÊXTASE

Esperei por ti neste último poema:
tu chegas em fuga, ai, sem ruído e voz
(não temos voz) e através da água dos nossos olhos
olhamos um os olhos do outro (quanto vemos, amor!)
e, oh Cristo, basta! Agora desço por teu rosto,
pois sigo na lágrima tua e quando encostas
o ouvido no meu peito, ouves o tropel nervoso
do meu cavalo louco nos caminhos do fim.
Por aqui ninguém vai, amor: eu vou sem voz
e é meu olhar que ecoa, não minha voz.
(E eu quero voz?) Ela ficou em ti, no teu silêncio

e na tua lágrima vou morrer na angústia dos trovões
calados e com todas as neuroses da alma dos relâmpagos.
Teu pranto é mudo quando morro e nele viajo
com minha morte. Desci por teu rosto e terminei
bem entre teus seios: se na tua lágrima segui
é porque meu último desejo foi estar aqui.
Minhas mãos não acenam (morrem na posse)
ocupadas pela última colheita.

De *Plenilúnio* (1988).